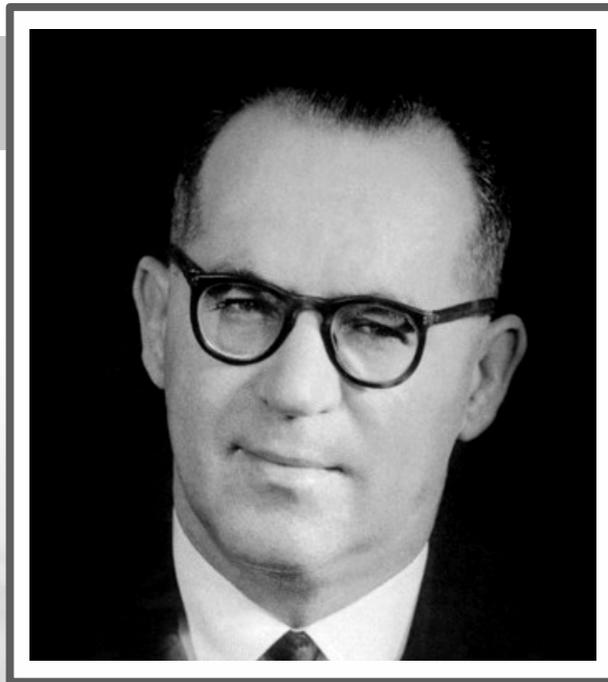


OBJETIVO

As obras da **UNICAMP**



10

GUIMARÃES ROSA

A hora e vez de
Augusto Matraga

A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

1. PANORAMA HISTÓRICO DA ÉPOCA

- 1908 – Nascimento de João Guimarães Rosa em Cordisburgo, Minas Gerais.
 - Expansão das plantações de café no Brasil.
 - Primeiro filme de ficção realizado no Brasil (*Nhô Anastácio Chegou de Viagem*).
 - Morte de Machado de Assis.
- 1909 – *Manifesto Futurista* de F. T. Marinetti.
 - Assassinato de Euclides da Cunha.
 - Hermes da Fonseca candidata-se à Presidência, e Rui Barbosa inicia a Campanha Civilista.
- 1910 – Hermes da Fonseca derrota Rui Barbosa na eleição para Presidência.
 - Proclamação da República Portuguesa.
- 1912 – Crise da borracha.
 - Oswald de Andrade retorna da Europa.
 - Guerra do Contestado.
- 1913 – Exposição de Lasar Segall.
- 1914 – Primeira Guerra Mundial.
 - Anita Malfatti faz sua primeira exposição em São Paulo.
 - Governo Venceslau Brás.
- 1915 – Primeiro filme sonoro brasileiro.
 - Lima Barreto publica *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.
 - Publicação da revista *Orpheu*, inaugurando o Modernismo Português.
- 1917 – Revolução Socialista Russa.
 - Greve de 150.000 trabalhadores no Brasil.
 - Brasil declara guerra à Alemanha.
 - Anita Malfatti expõe cinquenta e três trabalhos; em reação, Monteiro Lobato escreve a crítica *Paranoia ou Mistificação?*
 - Estreia literária de Manuel Bandeira (*A Cinza das Horas*).
- 1918 – Guimarães Rosa passa a residir em Belo Horizonte.
 - Fim da Primeira Guerra Mundial.
 - Monteiro Lobato publica *Urupês*.
- 1920 – Recenseamento revela a aceleração do crescimento industrial do País.
 - Fundação da Siderúrgica Belgo-Mineira.
- 1922 – Fundação do Partido Comunista Brasileiro.
 - James Joyce publica *Ulisses*.
 - Início do Movimento Tenentista.
 - Revolta do Forte de Copacabana.
 - Mussolini sobe ao poder na Itália.
 - Semana de Arte Moderna em São Paulo.
- 1923 – Revolução Libertadora no Rio Grande do Sul.
- 1924 – Novas rebeliões tenentistas.
 - Coluna Prestes.
 - Morte de Lênin.
 - *Manifesto Surrealista* de André Breton.
- 1926 – Movimento Verde-Amarelo.
- 1927 – Congresso Regionalista do Recife.
- 1928 – Publicação de *Macunaíma* e *A Bagaceira*.
 - Revista de *Antropofagia*.
- 1929 – Quebra da Bolsa de Nova Iorque.
 - Crise internacional do café.
 - Inauguração do prédio Martinelli em São Paulo.
- 1930 – Fim da República Velha.
 - Revolução de 30.
 - Getúlio Vargas no poder.
 - Publicação de *Alguma Poesia* de Carlos Drummond de Andrade.
 - Suicídio do poeta russo Maiakóvski.
 - Nazistas vencem as eleições na Alemanha.
- 1931 – Criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, bem como da Lei de Sindicalização e das Leis Trabalhistas no Brasil.
 - Guimarães Rosa passa a exercer a função de oficial-médico do 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena.
- 1932 – José Lins do Rego publica *Menino de Engenho*.
 - Revolução Constitucionalista em São Paulo.
 - Vitória das forças do governo.
 - Crescimento da indústria brasileira em 50%.
 - Salazar no poder em Portugal.

- 1933 – Extensão do voto às mulheres.
– Política da “Boa Vizinhança” de Roosevelt (EUA).
- 1934 – Guimarães Rosa presta concurso para o Itamaraty.
- 1935 – Tentativa de golpe dos comunistas, comandada por Luís Carlos Prestes.
– Perseguição e prisão de vários escritores e intelectuais brasileiros.
- 1936 – *Magma* recebe um prêmio da A.B.L.
– Prisão de Jorge Amado e Graciliano Ramos.
– Início da Guerra Civil Espanhola.
- 1937 – Congresso Brasileiro é dissolvido.
– Estado Novo – ditadura Vargas principia.
– Nova prisão de Jorge Amado e apreensão de seus livros.
- 1938 – Guimarães Rosa é nomeado cônsul adjunto em Hamburgo.
– Criação do Conselho Nacional do Petróleo.
– Formação do grupo “Os Comediantes” dá início ao Teatro Contemporâneo Brasileiro.
– Revolta Integralista.
– Hitler invade a Áustria.
- 1939 – Início da Segunda Guerra Mundial com a ocupação da Polônia pelas forças do Terceiro Reich.
– Fim da Guerra Civil Espanhola.
– Morte de Freud.
– Criação da Companhia Siderúrgica Nacional.
- 1940 – Início da construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda.
– Batalha da Inglaterra.
- 1941 – Ataque japonês aos Estados Unidos.
- 1942 – Alemães arrasam a Tchecoslováquia e dão início à batalha de Stalingrado.
– Brasil declara guerra à Alemanha.
– Aliança Inglaterra-Rússia.
- 1943 – Publicação de *Fogo Morto* de José Lins do Rego.
– Mussolini é preso.
– Estreia de *Vestido de Noiva* de Nelson Rodrigues.
- 1944 – Instituído o voto feminino na França.
– *Os Retirantes*, de Portinari.
– Guimarães Rosa volta ao Brasil.
- 1945 – Término da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo.
– Morte de Hitler e Mussolini.
– Os Estados Unidos lançam duas bombas atômicas sobre o Japão.
– Morte de Mário de Andrade.
- 1946 – Publicação de *Sagarana*.
– Posse do Marechal Eurico Gaspar Dutra na Presidência da República.
– Nova Constituição brasileira.
– Fechamento dos cassinos e proibição do jogo em território nacional.
– Perón é eleito presidente da Argentina.
- 1947 – Comunistas excluídos do governo francês.
- 1948 – Rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e URSS.
– Plano Salte (Saúde, Alimentação, Transporte e Energia) do Governo Dutra.
- 1949 – Vitória da Revolução Chinesa.
– Proclamação da República Popular da China Comunista.
- 1950 – Eleição de Getúlio Vargas para a Presidência da República.
– Inauguração da primeira estação de televisão no Brasil.
– Estados Unidos fabricam a bomba H.
– Início da Guerra da Coreia.
- 1952 – Primeira novela brasileira vai ao ar: *Sua Vida me Pertence*.
- 1953 – Morte de Stálin.
– atentado contra Perón.
– Jânio Quadros eleito prefeito de São Paulo.
- 1954 – Suicídio de Getúlio Vargas.
– Morte de Oswald de Andrade.
– Boicote ao café brasileiro em Nova Iorque.
- 1955 – Queda de Perón.
– Morte de Carmem Miranda.
– Instalação da indústria automobilística no Brasil.
– Forças conservadoras mobilizam-se para impedir a posse do presidente Juscelino Kubitschek.
- 1956 – JK assume a Presidência.
– Israel invade o Egito.
– Publicação de *Grande Sertão: Veredas*.
– Difusão da poética concretista.
- 1957 – José Lins do Rego falece em 12 de dezembro.
- 1958 – Guimarães Rosa é promovido a ministro de primeira classe (diplomata).
- 1959 – Fidel Castro toma o poder em Cuba.
– Revolta dos oficiais da Aeronáutica Brasileira.
- 1960 – Inauguração de Brasília.
– Apogeu das Ligas Camponesas.

- John Kennedy é eleito presidente dos EUA.
- 1961 – Rompimento entre Estados Unidos e Cuba.
- Jânio Quadros assume a Presidência e renúncia após sete meses.
- Instituição do Regime Parlamentarista no Brasil.
- João Goulart assume o poder.
- Movimentos de cultura popular da UNE.
- Teatro Arena e Cinema Novo.
- Yuri Gagarin vai ao espaço.
- 1962 – Palma de Ouro ao filme brasileiro *O Pagador de Promessas*.
- Morte de Marilyn Monroe.
- Publicação, em livro, de *Primeiras Estórias*.
- 1963 – Revogação do Parlamentarismo no Brasil.
- “Beatle-boom”.
- Assassinato de Kennedy.
- 1964 – Governo João Goulart é derrubado pelas forças conservadoras.
- Assume a Presidência Castello Branco.
- Cassação de mandatos políticos.
- Ato Institucional n.º 1.
- Solidificação do Cinema Novo (Glauber Rocha).
- Início do Regime Militar.
- Fundação do Grupo Opinião.
- Envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã.
- Morte de Ary Barroso.
- Filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Glauber Rocha vence o festival da Itália.
- 1965 – Extinção dos partidos políticos, reduzidos à Aliança Renovadora Nacional e ao Movimento Democrático Brasileiro.
- Festival de Música Popular da TV Excelsior de São Paulo.
- Minissaia revoluciona o mundo da moda.
- 1966 – Segundo Festival de Música Popular da TV Record.
- 1967 – Artur da Costa e Silva assume a Presidência.
- Nova Constituição.
- Teatro Oficina monta *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade.
- Beatles lançam *Sgt. Peppers*.
- Tropicalismo explode no Brasil.
- Guimarães Rosa morre de enfarte pouco depois de assumir sua cadeira na Academia Brasileira de Letras.

2. BIOGRAFIA DO AUTOR

Romancista e contista brasileiro contemporâneo, Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 27 de junho de 1908. Primeiro filho de um pequeno comerciante estabelecido na zona pastoril centro-norte mineira, aprendeu as primeiras letras em sua cidade, mudando-se depois para Belo Horizonte, onde frequentou o Colégio Arnaldo, lugar em que também estudou Carlos Drummond de Andrade.

Desde logo, o autor mostrou grande paixão pela língua, chegando a dominar o alemão, russo, francês, inglês, húngaro, grego, latim, italiano e espanhol. Quando terminou os preparatórios, começou o curso de Medicina em 1925, exercendo a profissão em cidades do interior mineiro (Ibiúna e Barbacena). Nesse período, estudou sozinho alemão e russo.

Através de concursos, Rosa publicou alguns contos na revista *O Cruzeiro*. Itaguara foi a primeira cidade que o recebeu, já doutrinado, até que retornou a Belo Horizonte. Participou da Revolução de 32, na qual serviu como médico voluntário na Força Pública. Em 1934, estando em Barcelona, como médico militar, fez concurso para o Itamaraty.

Literariamente, Guimarães Rosa surgiu em 1936 com o livro de poesias *Magma*, com o qual ganhou prêmio da Academia Brasileira de Letras. Ingressando na carreira diplomática, serviu de cônsul adjunto em Hamburgo, sendo, em 1942, internado em Baden-Baden com outras pessoas do corpo diplomático, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha. Libertado em troca de diplomatas alemães, voltou ao Brasil e seguiu para Bogotá como secretário da Embaixada brasileira até o ano de 1944.

Em 1946, tornou-se chefe do Gabinete de João Neves Fontoura. Tomou parte na delegação brasileira presente à Conferência da Paz, em Paris. No mesmo ano, surgiu a obra *Sagarana* (contos), que lhe trouxe renome e caracterizou-se por um regionalismo diferente, em que há muito de invenção, recriação do falar regional adaptado às exigências artísticas do prosador-poeta. Em 1948, fez uma incursão ao Mato Grosso, quando coletou dados para a reportagem *O Vaqueiro Mariano*. Voltou, dois anos depois, à França, onde permaneceu até 1950.

Guimarães Rosa fez uma viagem pelo sertão de Minas Gerais em 1952 e dela participou Manuel Narde, vulgo Manuelzão, protagonista de “Uma Estória de Amor”, incluída no volume *Manuelzão e Miguilim*.

Em 1958, tendo já sido nomeado chefe da Divisão de Orçamento, foi designado embaixador. Apesar de sua vida levada em ambientes diplomáticos, Rosa não perdeu o contato com a terra, de que se mostrou profundamente conhecedor. Um de seus últimos encargos foi a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteira, que o levou a tratar

de casos espinhosos, como o do Pico da Neblina e o das Sete Quedas.

Da sua carreira de escritor, em grande parte afastado da vida literária, só obteve o reconhecimento geral a partir de 1956 com os livros *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, obras que o colocaram na primeira linha dos nossos grandes escritores.

Foi eleito por unanimidade para a vaga de João Neves Fontoura na Academia Brasileira de Letras. Adiou a posse por quatro anos e, finalmente, em 16 de novembro de 1967, assumiu sua cadeira na data do aniversário de seu antecessor. Em 19 de novembro desse ano, Guimarães Rosa faleceu de enfarte, aos 59 anos, no Rio de Janeiro, três dias depois de admitido solenemente à Academia: “As pessoas não morrem, ficam encantadas.”

3. OBRAS DO AUTOR

- *Sagarana*, 1946 – Contos
- *Corpo de Baile*, 1956 – Novelas
- *Grande Sertão: Veredas*, 1956 – Romance
- *Primeiras Estórias*, 1962 – Contos
- *Tutameia: Terceiras Estórias*, 1967 – Contos
- *Estas Estórias*, 1969 – Contos
- *Ave, Palavra*, 1970 – Contos

4. PENSAMENTOS DE GUIMARÃES ROSA

• As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras; para mim são minha maior aventura... Escrevendo descubro sempre um novo pedaço de infinito.

• Às vezes, quase acredito que eu mesmo, João, seja um conto contado por mim.

• A gramática e a chamada filologia, ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia.

• A gente é portador. Cada pessoa é apenas o portador de uma mensagem. Todos nós somos mais que um símbolo para significar algo que nós mesmos sabemos o que seja.

• No sertão, o homem é o eu que ainda não encontrou um tu; por ali os anjos e o diabo ainda manuseiam a língua.

• O real não está nem na saída nem na chegada. Ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

• A vida da gente nunca tem termo real.

• O senhor ... Mire, veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando.

• O sertão é do tamanho do mundo.

• O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo.

• Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então, com o homem?

• Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

• Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se torna mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso.

• O senhor sabe? Já tentou sofrido o ar que é saudade? Dize que tem saudade de ideia e saudade de coração...

• Esperar é reconhecer-se incompleto.

• O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.

• Ser forte é parar quieto; permanecer.

• Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...

• Viver é aprender a viver; toda a vida é ensinada.

• Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja.

• Eu trazia sempre os ouvidos atentos, escutava tudo o que podia e comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava, porque este, em sua essência, era e continua sendo uma lenda.

• Cada um tem a sua hora e a sua vez.

5. CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO LITERÁRIO

O Terceiro Tempo Modernista teve por início o ano de 1945, quando se realizou o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, marcado pelo repúdio à ditadura do Estado Novo, enquanto no mundo terminava a Segunda Guerra Mundial.

A periodização literária desta época é passível de alterações, uma vez que ela ainda está desdobrando-se, porém, reconhecem-se já algumas tendências ou agrupamentos destacados a seguir:

5.1. A poesia da geração de 45

A geração de 45 centrou-se na reação contra o desleixo e o à vontade dos modernistas de 1922, retomando o rigor formal parnasiano, a preocupação estilística, a rima, a métrica e o soneto tradicionais. O respeito ao metro exato e a fuga à temática banal e ao vocabulário piegas já se delineavam com Geir Campos, Ledo Ivo, Péricles Eugênio da Silva e João Cabral de Melo Neto (superando depois os traços parnasianos e simbolistas).

Os poetas, então, utilizavam-se de uma linguagem erudita, propondo o sublime, o ideal, o universal, abandonando as preferências pelo prosaico, pelo concreto, pelo nacionalismo exagerado, que marcaram o Modernismo de 1922 a 1930.

5.2. A prosa de ficção pós-45

A permanência realista do testemunho humano, privilegiando o aspecto social e aproximando-se do neo-naturalismo americano e do neorrealismo italiano, marca alguns autores de 45, assim como a atração pelo transreal, a exploração do insólito, do absurdo, o homem projetado no mundo mítico, fantástico e mágico da arte.

O grande inovador do período foi Guimarães Rosa, que explorou os segredos da linguagem não letrada e colocou-se a serviço da literatura na qual o mítico, o infantil e o desconhecido assumem a base de sua obra.

O experimentalismo, a pesquisa da linguagem, a reinvenção do código linguístico, o romance e o conto instrumentalista têm como preocupação principal a palavra, a linguagem como o elemento que cria o real. Podemos aproximar por este motivo a obra de Guimarães Rosa e a de Clarice Lispector, que buscavam a universalização do romance nacional, sendo que o primeiro se preocupava mais com o enredo e o suspense, enquanto a autora mergulhava na consciência das personagens.

Alguns escritores preocupavam-se com a vida moderna e procuravam penetrar nos conflitos do homem e da sociedade, como Lygia Fagundes Telles, José Cândido de Carvalho, Aníbal Machado, Fernando Sabino, Dalton Trevisan, e os mistérios inconscientes e psicológicos com Clarice Lispector e Osman Lins.

6. A OBRA DE GUIMARÃES ROSA

Guimarães Rosa foi nosso primeiro escritor que captou o mundo regional por meio de uma visão universalizante. Deu ao romance brasileiro uma dimensão metafísica pela sua originalidade criadora, em que as palavras são tratadas como símbolos que reproduzem a relação existente entre a linguagem e o mito.

Observador da terra e do homem sertanejo, soube caracterizar os costumes e ambientes sem violar aspectos e pormenores. A palavra inventada – aproximando o falar de gente primitiva ao universo clássico da literatura – originou uma sintaxe própria, orientada por um símbolo que descarta seu significado tradicional, assumindo o factual.

As suas histórias aproximam-se da dualidade sagrado *versus* profano, criando, por vezes, fábulas em que se unem o bem e o mal, o divino e o demoníaco.

Guimarães percorria o sertão com seu caderninho de anotações a colecionar a maneira de falar do povo brasileiro para adaptá-la às suas necessidades posteriores. As palavras que colhia eram portadoras de sons e formas que revitalizam recursos da poesia velhos e ultrapassados, originando, repleta de musicalidade, a fala sertaneja.

O espaço é o sertão, e lá é o mundo. Guimarães perpetua dessa forma os aspectos culturais e existenciais de um povo. É o responsável por iniciar, com *Sagarana*, o caráter experimental na prosa regionalista do Terceiro Tempo Modernista. Pouco antes, Mário de Andrade, com *Macunaíma*, e Oswald de Andrade, com *Memórias Sentimentais de João Miramar*, trazem ao Modernismo brasileiro o romance fragmentário, a inovação e a ruptura com a tradição literária.

Em Guimarães Rosa, o traço marcante é o experimentalismo com a linguagem, com a visão regional que ultrapassa o mero formalismo, até então veiculado por Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, tentando traduzir a essência íntima da existência humana e dando um espírito desconcertante ao seu trabalho.

7. SAGARANA

Sagarana compõe-se de nove contos, com os seguintes títulos:

1. “O Burrinho Pedrês”
2. “A Volta do Marido Pródigo”
3. “Sarapalha”
4. “Duelo”
5. “Minha Gente”
6. “São Marcos”
7. “Corpo Fechado”
8. “Conversa de Bois”
9. “A Hora e Vez de Augusto Matraga”

8. “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”



“Eu sou pobre, pobre, pobre,
vou-me embora, vou-me embora...”

.....
Eu sou rica, rica, rica,
vou-me embora daqui!...”

(CANTIGA ANTIGA)

“Sapo não pula por boniteza,
mas porém por percisão.”

(PROVÉRBIO CAPIAU)

RESUMO

Narrado na terceira pessoa, o conto enfatiza duas constantes da vida do sertão: a violência e o misticismo, na interminável luta do bem e do mal.

Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira, conhecido como **Nhô Augusto** e também como **Augusto Matraga**, é o

maior valentão do lugar, briga com todo mundo e maltrata por pura perversidade. Debochado, tira as mulheres e namoradas dos outros. Não se preocupa com sua mulher, **Dona Dionóra**, nem com sua filha, **Mimita**, nem com sua fazenda, que começa a se arruinar.

Já em descrédito econômico e político, sobrevém o castigo: sua mulher, Dona Dionóra, foge com **Ovídio Moura**, levando ainda consigo a filhinha, e seus bate-paus (capangas), malpagos, põem-se a serviço do seu pior inimigo; o **Major Consilva. Quim Recadeiro** foi quem levou essas duas notícias ruins. Nhô Augusto resolve ter com eles, antes de se deslocar para matar Dionóra e Ovídio, mas é atacado, numa tocaia, por seus inimigos, que o espancam e o marcam com ferro de gado em brasa. Quase inconsciente, no momento em que vai ser assassinado, reúne as últimas forças e se atira no despenhadeiro do rancho do Barranco. Tomam-no por morto. É, contudo, encontrado por um casal de negros velhos: a mãe Quitéria e o pai Serapião, que tratam de Nhô Augusto, que sara, mas fica com sequelas deformantes.

Começa então uma nova vida, no povoado do Tombador, para onde levou os pretos, seus protetores. Regenera-se e, esperando obter o céu, leva uma vida de trabalho duro, penitência e reza. Arrepentido de suas maldades, ajuda a todos, e reza com devoção: quer ir para o céu, “nem que seja a porrete”, e sonha com um “Deus

valentão”.

Passados seis anos, tem notícias de sua ex-família, através do **Tião da Thereza**: a esposa, Dona Dionóra, vive feliz com Ovídio, e vai-se casar com ele; Mimita, sua filha, foi enganada por um cometa (espécie de caixeiro viajante) e caiu na perdição. Matraga sofre, mas se resigna.

Certo dia, aparece o **Joãozinho Bem-Bem**, jagunço de larga fama, acompanhado de seus capangas: **Flosino Capeta, Tim Tatu-tá-te-vendo, Zeferino, Juruminho, Epifânio** e **Teófilo Sussuarana**. Matraga hospeda-os com grande dedicação e admira as armas e o bando de Joãozinho Bem-Bem. Mas se recusa a acompanhar os bandidos, mesmo convidado pelo chefe, e não aceita qualquer ajuda dos jagunços. Quer mesmo ir para o céu.

Tempos depois, totalmente recuperado, Matraga despede-se dos velhinhos e parte, sem destino, num jumento. Chega ao Arraial do Rala-Coco, onde reencontra Joãozinho Bem-Bem e seu bando, prestes a executar uma cruel vingança contra a família de um assassino que fugira. Augusto Matraga intervém em nome da justiça, opõe-se ao chefe do bando, liquida diversos capangas, tomado de verdadeiro furor. Bate-se em duelo singular com Joãozinho Bem-Bem. Ambos morrem – Joãozinho primeiro. Nessa hora, Augusto Matraga é identificado por um antigo conhecido.

□ Exercícios

1. (PUC – Adaptada) – *Sagarana*, coletânea de contos, escrita por Guimarães Rosa, enfoca o ambiente rural brasileiro e aponta novos rumos para a prosa literária modernista. Assim,

- considerando que o espaço geográfico onde se desenrolam as narrativas de Guimarães Rosa é o do norte de Minas Gerais e o do sul da Bahia, que novo conceito se pode ter de regionalismo na obra desse autor?
- que características de linguagem podem ser percebidas nas narrativas que constituem *Sagarana*?

Texto para as questões de 2 a 6.

Quando chega o dia da casa cair – que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, – o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama – o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.

E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu:

– Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, p’ra lhe contar.

(Guimarães Rosa. “A Hora e Vez de Augusto Matraga”. In: *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, 71.^a ed., pp. 371-2.)

2. (PUC – Adaptada) – Além do coloquialismo, comum ao diálogo, a linguagem de Quim e de Nhô Augusto caracteriza também os habitantes da região onde transcorre a história, conferindo-lhe veracidade. Suponha que a situação do Recadeiro seja outra: ele vive na cidade e é um homem letrado. Aponte a alternativa caracterizadora da modalidade de língua que seria utilizada pela personagem nas condições acima propostas:

- Levanta e veste a roupa, meu patrão senhor Augusto, que eu tenho um novidade meia ruim para lhe contar.
- Levante e veste a roupa, meu patrão senhor Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, para te contar.

- c) Levante e vista a roupa, meu patrão senhor Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, para lhe contar.
- d) Levante e vista a roupa, meu patrão senhor Augusto, que eu tenho uma novidade meio ruim para lhe contar.
- e) Levanta e vista a roupa, meu patrão Senhor Augusto, que eu tenho uma novidade meio ruim para te contar.

3. Qual a “novidade meia ruim” que Quim tinha para contar a Matraga?

4. Qual termo no trecho “E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou” serve para qualificar o caráter de Quim Recadeiro, tornando-o destoante do meio em que está inserido? Explique.

5. Qual ação surpreendente será praticada por Quim Recadeiro? Explique por que tal feito pode ser entendido como admirável.

6. O que sente Nhô Augusto ao saber da ação de Quim Recadeiro apontada na resposta da questão anterior? Qual o efeito dessa emoção para o amadurecimento do protagonista?

7. (PUC-SP – Adaptada) – Segundo Antonio Candido, referindo-se à obra de Guimarães Rosa, ser jagunço torna-se, além de uma condição normal no mundo-sertão, uma opção de comportamento, definindo um certo modo de ser naquele espaço. Daí a violência produzir resultados diferentes dos que esperamos na dimensão documentária e sociológica, — tornando-se, por exemplo, instrumento de redenção. — Assim sendo, o ato de violência que em “A Hora e Vez de Augusto Matraga” justifica tal afirmação é

- a) seguir a personagem uma trajetória de vida desregrada, junto às mulheres, ao jogo de truque e às caçadas.
- b) ser ferido e marcado a ferro, após ter sido abandonado pela mulher e por seus capangas.
- c) cumprir penitência através da reza, do trabalho e do auxílio aos outros para redenção de seus pecados.
- d) integrar o bando de Joãozinho-Bem-Bem e vingar-se dos inimigos, principalmente do Major Consilva.
- e) reencontrar-se, em suas andanças, com Joãozinho Bem-Bem, matá-lo e ser morto por ele.

8. (UFOP – Adaptada) – Sobre a “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, a natureza funciona como simples cenário onde se desenrolam as ações ou como instrumento da celebração ufanista das grandezas do Brasil.
- b) O conto narra a trajetória de um homem que trilha o penoso caminho da santidade, só atingida, de forma surpreendente, na hora de sua morte.
- c) Os sofrimentos por que passa Nhô Augusto após a surra dos capangas do Major Consilva são considerados pelo protagonista uma amostra do inferno e uma oportunidade dada por Deus para que ele se dedique à salvação de sua alma.
- d) A alegria do protagonista no duelo final com Seu Joãozinho Bem-Bem resulta da realização do “martírio segundo sua índole”, ou seja, do autossacrifício na forma de luta armada.

9. (UNICAMP) – Leia a seguinte passagem de “A Hora e Vez de Augusto Matraga”:

O casal de pretos, que moravam junto com ele, era quem mandava e desmandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo no estadão. Mas, ele, tinham-no visto mourejar até dentro da noite de Deus, quando havia luar claro.

Nos domingos, tinha o seu gosto de tomar descanso: batendo mato, o dia inteiro, sem sossego, sem espingarda nenhuma e nem nenhuma arma para caçar; e, de tardinha, fazendo parte com as velhas corocas que rezavam o terço ou os meses dos santos. Mas fugia às léguas de viola ou sanfona, ou de qualquer outra qualidade de música que escuma tristezas no coração.

(João Guimarães Rosa, “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, In: *Sagarana*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984, p.359.)

- a) Identifique o casal que vive junto com o protagonista da narrativa.
- b) Explique o comportamento do protagonista no trecho acima, confrontando-o com sua trajetória de vida.
- c) O que há de contraditório no descanso dominical a que o narrador se refere?

A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

- 1) a) O regionalismo de João Guimarães Rosa é de âmbito universal. Esse autor transfigura no sertão brasileiro, norte de Minas Gerais, sul da Bahia, e também Goiás, mitopoéticos universais. No conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, há a problemática ontológica: a procura da ação que justifique plenamente a existência. Augusto Matraga só se redime ao superar o maniqueísmo (Bem x Mal), juntando elementos aparentemente antagônicos: a violência com o misticismo.
- b) Nas narrativas de *Sagarana*, percebe-se linguagem instrumentalizada, valorizando-se o significante, o aspecto plástico, carregado de conceitos. É a linguagem poética, em que a mensagem se evidencia por si mesma, devido às aliterações, à cadência rítmica, aos arcaísmos, aos regionalismos e aos neologismos. O título do livro é um neologismo que provém do germânico (*saga* = feito heroico) misturado com o tupi (*rana* = à maneira de).
- 2) O discurso correto precisa manter coerência entre as formas verbais e as pronominais de terceira pessoa do singular. Além disso, o termo “meio”, como é advérbio que determina o adjetivo “ruim”, é invariável, não aceitando, portanto, flexão no feminino.
Resposta: D
- 3) A “novidade meia ruim” que Quim tinha de transmitir a Matraga era a de que a esposa de seu patrão o havia abandonado, preferindo viver com Ovídio.
- 4) O termo “medo” serve para qualificar o caráter de Quim Recadeiro, pois ele era uma personagem dominada pela falta de coragem, o que o faz destacar-se em um meio dominado pela valentia de bandidos e jagunços.
- 5) Quim Recadeiro, pouco depois da suposta morte de Nhô Augusto, invadirá a casa de Major Consilva para tentar vingar a morte do patrão. O aspecto surpreendente está no fato de que justamente a personagem mais covarde foi a única a lutar por seu antigo senhor, chegando a matar alguns capangas, sendo por fim abatido já dentro da casa do inimigo.
- 6) Ao saber por meio de Tião da Thereza que Quim Recadeiro morrera para honrar seu patrão, Nhô Augusto sente-se extremamente humilhado, pois não pode vingar quem deu a vida por ele. Dentro da narrativa, esse evento servirá como provação que o protagonista terá de passar, o que contribuirá para o fortalecimento de seu caráter, abrindo caminho para a sua “hora e vez”.
- 7) O reencontro de Augusto Esteves com Joãozinho Bem-Bem representa o clímax do conto, ou seja, a hora e vez do protagonista. Em outras palavras, a personagem passou por um processo de provação e amadurecimento para preparar-se para cumprir um desígnio divino: lutar, em nome de Deus, em defesa dos mais fracos e injustiçados, evitando que Bem-Bem realizasse uma vingança desumana contra uma família desamparada.
Resposta: E
- 8) Nas narrativas de Guimarães Rosa, a natureza não funciona como mero cenário ou como instrumento para a manifestação de um ufanismo em relação às “grandeza do Brasil”. Sua literatura, de cunho metafísico e universalizante, atribuirá elementos simbólicos até mesmo à paisagem descrita. Ela funcionará, portanto, como parte da significação do texto em que está inserida.
Resposta: A
- 9) a) Serapião e Mãe Quitéria são o casal que passa a viver com Augusto Esteves durante seu período de recuperação e provação.
- b) Augusto Esteves entrega-se a uma vida de ascese religiosa, o que se opõe à vida desregrada que possuía antes do trecho apresentado e que o preparará para o grande evento no final da narrativa, em que cumprirá uma missão divina: dar a sua vida em defesa dos desprotegidos.
- c) Nhô Augusto usa o domingo, dia tradicional de descanso, para andar sem parar pelo mato, com a intenção de martirizar o corpo, ou seja, de não obter descanso.